

A desdiabolização da Frente Nacional: a “transformação” ideológica de Marine Le Pen

Guilherme Ignácio Franco de Andrade¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compreender o processo de “desdiabolização” do partido de extrema direita Frente Nacional. O partido que havia sido liderado por Jean-Marie Le Pen, por mais de 40 anos, ficou marcado pelos seus discursos radicais, racistas, antissemitas e homofóbicos. Tendo assim criado uma identidade partidária própria e sendo assim hostilizado por parte da população e marginalizado por outros partidos políticos do país. Porém com a chegada de Marine Le Pen a presidência do partido, foi encabeçado um projeto de renovação ideológica e político partidária. Embora Marine Le Pen busque se apresentar como uma versão mais moderada que seu antecessor, transformando o discurso do partido em uma versão mais moderada, retirando do discurso algumas pautas históricas do partido, procuramos aqui demonstrar que tanto o partido quanto seus militantes permanecem fiéis ao radicalismo e ao discurso xenófobo.

Palavras-chave: Extrema direita; Desdiabolização; Marine Le Pen; xenofobia; Islamofobia.

Abstract: This work aims to understand the process of reshaping (La Dédiabolisation) of the extreme right-wing party Front National. The party, that had been led by Jean-Marie Le Pen for more than 40 years, was marked by its radical, racist, anti-Semitic and homophobic speeches, having created its own party identity and thus being harassed by part of the population and marginalized by other political parties in the country. However, with the arrival of Marine Le Pen as party president, a project of ideological and party political renewal was begun. Although Marine Le Pen seeks to show herself as a more moderate version than her predecessor, transforming the party's speech into a more contained version, removing some of the party's historical agenda from the speech, we seek in this paper to demonstrate that both the party, and its members, remain faithful to radicalism. and xenophobic speech.

Keywords: Extreme right, dediabolization; Marine Le Pen, Xenophobia; Islamophobia

**The dediabolization of the National Front:
the ideological “transformation” of Marine Le Pen.**

¹ Doutor em História (PUCRS). Pós-Doutorando em História na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do SUL (UFMS)

O partido Frente Nacional foi fundado no início da década de 1970, sendo o resultado de um agrupamento de diversos grupos radicais franceses que existiam a margem da política francesa. O partido reunia desde católicos conservadores até skinheads e neonazistas. Fruto de uma necessidade coletiva de representação política, diferentes grupos extremistas perceberam a pertinência de se organizarem politicamente para que pudessem agrupar todas as frentes nacionalistas e extremistas em uma mesma legenda. Neste sentido, a ideia de criar um partido político era extremamente necessária, pois seria a única possibilidade de agrupar diferentes famílias políticas de direita para criar frente política que organizasse suas pautas políticas, para que combatesse à “passividade” da direita tradicional e da esquerda social-democrata (CAMUS, J-Y., 1989). Dos grupos que formaram a Frente Nacional, Jean-Marie Le Pen foi eleito presidente do partido e se apropriou da legenda, transformando o partido ao longo dos seus 40 anos como presidente, em sua propriedade.

Durante mais de 40 anos à frente do FN, Jean-Marie Le Pen conseguiu dominar o partido por meio de muita disputa interna, tanto do ponto de vista da linha de sucessão hierárquica partidária, como da articulação ideológica e política do mesmo. Em 2008, ele anunciou que deixaria a presidência do partido no fim de seu mandato, dando início a um processo de renovação partidária, de modo que coube à sua filha, Marine Le Pen, o trabalho de repaginação do FN.

A palavra desdiabolização poderia ser substituída por diversas outras para representar o processo de “transformação do Frente Nacional”; por exemplo, poderíamos usar: demonização, reconfiguração ou remodelação. Porém, a palavra desdiabolização é utilizada como parte estratégica de Marine Le Pen, para demarcar a data de renascimento do partido. Embora tal palavra já tenha sido utilizada pelo FN, durante as campanhas de 2007, seu sucesso enquanto ponto de partida para uma nova “era” ganhou maior notoriedade pela mídia e pela sociedade francesa a partir da ascensão de Marine Le Pen, em 2011. Noutros termos, enquanto estratégia de democratização do partido, a palavra desdiabolização ganhou destaque durante a campanha interna para a presidência do FN, em 2011.

Marine Le Pen aprofundou a campanha de desdiabolização durante as eleições do partido, para definir o novo presidente do FN. Ela usou o termo para se distinguir de seu rival interno, Bruno Gollnisch, a quem ela se referia como o representante da velha guarda do partido, a geração fundadora, a geração a qual ela atribuía os péssimos resultados eleitorais, a quem ela relacionava a imagem xenófoba e racista, representante de uma velha geração de ativistas com doutrinas extremistas (ALMEIDA, 2013, p.168). Em busca de se diferenciar da

antiga geração do partido, e também de se contrapor a Bruno Gollnisch, ela se apresentou como a nova face da extrema direita — com perfil moderno, composto por uma mulher, independente, supostamente com ideias novas e com espírito republicano —, empenhando-se em transformar o partido em um símbolo nacionalista, afastando-se da postura fascista e racista do passado.

Podemos pensar se essa reorientação estratégica deve ser interpretada como uma mudança apenas no âmbito discursivo, para sugerir uma nova construção narrativa da visão do FN, ou seja, simplesmente uma transformação superficial. Em outras palavras, podemos considerar a ascensão de Marine Le Pen como um real rompimento com o passado? Em primeiro lugar, baseando-se nos programas partidários do FN, de 1972 até 2002, podemos perceber diversas rupturas com o projeto político. Contrapondo as principais propostas dos velhos programas com o “novo” programa do FN, bem como observando a mídia impressa do partido (composta por dezenas de jornais espalhados pela França), podemos analisar, com maior precisão, as diferenças entre os projetos, sobretudo porque Marine Le Pen e os novos membros do FN têm se apoiado no avanço das tecnologias de comunicação e das redes sociais, o que, no tempo presente, tem se mostrado primordial para os partidos políticos.

Nas redes sociais e nos jornais do partido, podemos destacar que as posições e temas debatidos por ele avançaram a partir do momento em que Marine Le Pen assumiu o controle. Esses novos temas e as posições assumidas pelo partido nas redes sociais — no sentido político e de difusão de uma suposta nova roupagem — têm se mostrado fundamentais para o avanço do FN e também se mostraram diferentes do período de gestão de Jean-Marie Le Pen. Em conclusão, procuramos determinar se existia uma certa coerência nos temas propostos pelo FN nas redes sociais; nas posições tomadas no programa político; nas lideranças regionais; e nas propostas ideológicas apresentadas pelo movimento juvenil do FN, o FNJ, que tem sido o braço direito do partido na cooptação de jovens desde 2011.

Desde que Marine Le Pen assumiu as rédeas do partido, em 2011, o FN publicou apenas um programa: sua plataforma presidencial de 2012. Provavelmente com o objetivo de manter sua plataforma clara e simples, o partido não publicou nenhuma instrução sobre políticas após 2010. A plataforma eleitoral de 2012 reintroduz muitos dos temas do projeto presidencial de Jean-Marie Le Pen. O programa manteve a base ideológica proposta por Jean-Marie Le Pen, como o combate à imigração, a saída da UE, uma política de assistencialismo nacionalista, o reforço da segurança pública e a defesa da identidade nacional.

Neste sentido, parte importante do programa se manteve em relação ao programa de

2007, que também havia sido criado por Marine Le Pen. Porém, o programa foi aprofundado e escrito com maior clareza e com nível maior de informações sobre a sociedade francesa. De fato, um exame mais detalhado do documento dá a impressão de que algumas das políticas propostas no atual programa do FN tornaram-se ainda mais severas. Isso se aplica, em particular, às propostas voltadas para os imigrantes, para quem o programa defende medidas mais restritivas nos campos social, econômico e de segurança. Assim, o conteúdo não mudou, mas se tornou mais agressivo, xenófobo e excludente em relação aos imigrantes, principalmente os de origem africana e muçulmana.

No lugar de se apresentar dentro de uma linha intelectual — propondo um debate dentro das ciências políticas e discussões nos campos sociais, levando o debate das questões francesas para outro nível, visando alcançar setores com maior riqueza no campo intelectual —, o programa procura debater com a população menos esclarecida, a fim de passar uma mensagem para as massas. Em suma, tal programa é extremamente nacionalista e prioriza o debate com os cidadãos franceses.

O FN apresenta sua líder, Marine Le Pen, no centro do programa, como a personificação da vontade geral do povo. A capa do programa mostra uma ilustração em close da presidente do FN, colocando-a no centro da primeira página, como única liderança capaz de compreender os anseios da população. Ao mesmo tempo, coloca o FN como o único partido cujo principal objetivo é defender a nação francesa e seu povo. O programa é intitulado “Meu projeto: para a França e para o povo francês”. Marine Le Pen representa a voz do povo, o espírito da França (FRONT NATIONAL, 2012).

Na primeira página, o FN é igualado ao nome de Marine Le Pen; o programa contém dez referências a ela e nenhuma referência ao FN como parte. Ela é diretamente justaposta contra as corruptas elites francesas; ela é apresentada como a personificação da mudança, o começo de um novo capítulo na história francesa. Na verdade, o partido se distingue dos outros. Por exemplo, o texto do programa diz: “Existem apenas duas opções para tornar a França competitiva novamente: a primeira seria apostar no caminho tradicional, que seria reduzir salários e dismantelar o sistema de proteção social ou apostar no FN e recusar os drásticos planos de austeridade” (FRONT NATIONAL, 2012), p.3).

Além disso, o discurso do FN coloca Marine Le Pen como a nova Joana d’Arc, como a única capaz de salvar a França. O programa aborda diretamente as pessoas de classe baixa e da classe trabalhadora, a parte da população que provavelmente se sente mais explorada pelos políticos. Para atrair essas massas, o programa é claro e simples, pois contém apenas 16

páginas, apela para o senso comum do eleitorado e defende soluções políticas diretas (FRONT NATIONAL, 2012).

Marine Le Pen ataca as principais preocupações das classes trabalhadoras e de classe média baixa — como os baixos salários, a diminuição do poder de compra, a insegurança social e o assistencialismo público. Para convencer as classes populares de que as políticas neoliberais estão ultrapassadas, o FN propõe medidas nacionalistas, ou seja, um aumento significativo de rendas e pensões modestas, a proteção da economia francesa contra influências estrangeiras e a punição de todos os que abusam da previdência social na França — no caso, os imigrantes ilegais que não colaboram com a previdência e não recolhem impostos. A imigração, o tema central da plataforma de Jean-Marie Le Pen, é diretamente referida apenas no meio do programa do FN, entre a plataforma econômica do partido e sua agenda no que diz respeito a questões sociais, culturais e reinos estrangeiros. No entanto, esse posicionamento menos proeminente na plataforma do FN não torna a imigração um tópico menos importante. Ao contrário, durante todo o programa, o FN pede solidariedade entre o povo francês, colocando os imigrantes como o fardo dos males econômicos e como responsáveis pela falência do sistema social. Em contrapartida, em nenhum momento os imigrantes estão incluídos na comunidade nacional e no sistema de solidariedade que o partido pretende criar (FRONT NATIONAL, 2012).

Consequentemente, os imigrantes não devem se beneficiar, como os cidadãos franceses, das mesmas medidas generosas do sistema de segurança social. As medidas de bem-estar nacionalista propostas pelo FN incluem a eliminação de todas as pensões dos imigrantes que não trabalharam na França por pelo menos dez anos, bem como a supressão de todos os benefícios familiares se os pais não tiverem nacionalidade francesa (FRONT NATIONAL, 2012).

De fato, as soluções que o FN propõe em relação à imigração não são de forma alguma menos radicais do que as medidas propostas cinco anos antes. No programa, há propostas tradicionais do FN, como a expulsão de todos os imigrantes ilegais, uma mudança no direito de cidadania (a cidadania francesa não deve mais ser concedida àqueles que nascem na França, mas apenas aos recém-nascidos cujos pais tenham a nacionalidade francesa, ou seja, a origem deve ser comprovada pelo “sangue” francês) e medidas que promovem regulamentos rígidos em relação à nova imigração (FRONT NATIONAL, 2012).

Além disso, o programa contém novas propostas, como a aplicação da preferência nacional, não só no setor público, mas também no setor privado, e a implementação de uma

punição especialmente severa para crimes racistas cometidos contra pessoas brancas. A plataforma do FN em outros tópicos — como a organização do Estado, o papel das forças armadas na sociedade francesa, o fortalecimento do sistema judicial e o papel da cultura francesa na sociedade — imita as proposições feitas em 2007.

Um tópico que ganha mais atenção no projeto de Marine Le Pen é a noção de laicidade do Estado. O partido dedica uma das 16 páginas do seu programa ao tópico. O que vem à tona na discussão do FN sobre o termo é que o significado republicano do conceito — a regulação do relacionamento entre o Estado e a igreja e a garantia de independência do primeiro com relação ao segundo — está esgotado no uso que o FN faz dele. Sob a bandeira da laicidade, o FN opõe-se aos programas de ação afirmativa e à liberdade de expressão religiosa em espaços públicos. Também denuncia a disseminação do islã, que, segundo o partido, é uma religião perigosa aos valores morais ocidentais, uma vez que não respeita a separação entre Estado e igreja. Assim, o FN instrumentaliza o termo republicano laicidade para se opor a todas as formas de comunidade que não sejam a nação (ALMEIDA, 2013, p. 172).

Ao longo de seu programa, o partido não apenas tenta capitalizar a turbulência social e cultural latente e o sentimento generalizado de deslocamento dentro da população francesa, mas também apresenta três culpados pela decadência econômica e social da França (FRONT NATIONAL, 2012).

A primeira é a UE e o euro. De acordo com o FN, o euro não cumpriu nenhuma promessa nos dez anos de existência: ele representa a explosão dos preços, o desemprego, a terceirização e a dívida pública. Em segundo lugar está o domínio do sistema bancário internacional, sob o qual a França está sufocando. Para libertar a França do jugo da supremacia dos bancos internacionais, o FN quer restabelecer o franco e ganhar controle sobre suas próprias políticas monetárias. A terceira é a elite política, social e cultural da França. O partido coloca a população como inocente, frente a uma elite burguesa corrupta, subjugando o estilo de vida luxuoso das elites políticas francesas à crise da dívida da França. Por exemplo, para fixar as finanças públicas, o FN promete conter as suntuosas despesas e os excessivos reembolsos que beneficiam as elites políticas francesas. Ele também vincula práticas corruptas ao “UMPS”, indicando que os membros de ambos os principais partidos processam o sistema em benefício próprio (FRONT NATIONAL, 2012).

Além disso, o programa do FN tem um tom de crise. A situação atual da França é descrita não como uma política ordenada, mas como uma situação de caos econômico, social e político em declínio. Semanticamente, o programa contém as palavras “ruptura” em várias

ocasiões, como uma indicação de que o partido quer romper com as políticas liberais atuais. Em vez do atual regime, quer implementar uma forma nacionalista de democracia, baseada na vontade geral do povo. Como um dispositivo retórico, o FN também usa linguagem de guerra. No programa há frases como “pequenos mercados de bairro devem ser defendidos contra corporações multinacionais” e o “abuso social será combatido”. Essa linguagem forte reforça a mensagem de que o partido está “em guerra” com o sistema e os atores que o representam.

Em resumo, no programa, o FN e Marine Le Pen se apresentam como “outsiders” do sistema político — ou, como o próprio Bruno Mégret colocava, como uma terceira via (MEGRET, 1997) —, pois estão deslocados desse sistema político; eles se veem como uma alternativa à política tradicional dominante e, de maneira mais geral, ao sistema político. O partido propõe uma forma de democracia direta nacionalista, uma forma de governo que reúne cidadãos franceses para que as melhores decisões sobre a nação sejam tomadas. Destina-se a fortalecer a autoridade do Estado (por exemplo, a polícia e o sistema judicial) e identifica medidas radicais nas áreas de imigração, segurança pública e organização do Estado. O FN não só rompe com os tabus republicanos da Quinta República, como também se apresenta como uma nova força política que tem como objetivo representar as pessoas comuns.

Exceto por alguma ênfase renovada no nacionalismo e na crítica à elite, o programa presidencial de 2012 do FN retrata mais uma imagem de continuidade em vez de mudança. Para complementar essa análise e obter uma visão mais completa da ideologia do FN fora de sua plataforma eleitoral oficial, focamos também nos jornais e nas revistas do partido.

Em sua maioria, a mídia do partido se alinha ideologicamente ao programa apresentado, em 2012, por Marine Le Pen, demonstrando uma organização partidária bem sólida. A maioria das reportagens e artigos de opinião dos colunistas são escritas em um tom nacionalista, que não apenas desmerece os partidos do sistema, mas também retrata a esperança e a visão de uma sociedade diferente. Além disso, os comunicados de imprensa retratam a imagem de que a vitória (eleitoral) está próxima. Por exemplo, o FN fala de uma perseguição da mídia e da oposição ao partido, devido à nova força que ele representa, apostando em uma política responsável e corajosa, cuja força eleitoral ameaça o sistema tradicional (FRONT NATIONAL, 2012).

Ambos os domínios de políticas são moldados pela noção de políticas de ressentimento e pelo esforço do partido para transformar o sistema. Por exemplo, Florian Philippot, número 2 do FN, defende uma revisão completa do sistema econômico francês: a

França deve “encontrar uma moeda nacional adaptada à sua economia, recuperar o controle de seu orçamento, criar proteção de fronteira inteligente e política do nacionalismo econômico no contexto de um estado estratégico” (PHILLIPOT, 2012). Além disso, confirmando o forte apelo populista de seu programa de 2012, o FN se apresenta em várias dezenas de jornais e revistas como defensor de trabalhadores e funcionários do Estado, contra interesses burgueses, que visam apenas o lucro e a exploração da população. Firmemente opondo-se às medidas de austeridade que foram impostas pelos dois últimos governos franceses (os governos de Sarkozy e Hollande), o partido considera o UMP e o PS uma ameaça à segurança financeira e à prosperidade da população francesa. Em um esforço para afirmar seu ponto de vista étnico-nacionalista, vários comunicados de imprensa também atacam o governo por não gastar o suficiente para ajudar os membros da sociedade de baixa renda e os desempregados. Mais uma vez essas propostas são enquadradas em uma mentalidade de “nós contra eles”; apenas os desempregados franceses, os aposentados e as classes de baixa renda deveriam se beneficiar da solidariedade nacional (FRONT NATIONAL, 2012).

Visando uma maior produção do consenso do partido, Marine Le Pen tem utilizado muitos discursos e vídeos para a campanha presidencial nas redes sociais e em revistas e jornais oficiais, os quais ficam a cargo do debate político e do programa do partido. Essa é a principal fórmula de mobilização e tem sido uma ferramenta de divulgação das ideias do partido. Dessa forma, temas importantes para a agenda política do FN acabam sendo bombardeados em todas as redes de comunicação do partido, assinalando que o tema de maior importância para Marine Le Pen é a imigração.

O FN não apenas exige que a tendência de imigração “maciça” e “descontrolada” seja revertida e os imigrantes ilegais sejam imediatamente expulsos, mas também apela para a ideia do apelo nacionalista, a ideia de que os cidadãos franceses devem formar uma frente unificada, para controlar e fiscalizar o Estado e todos os que abusam da lei (FRONT NATIONAL, 2012).

A imigração está ainda associada a uma “crise nacional” e responsabilizada pela falta de assimilação dos imigrantes à cultura e identidade francesa. Em 2014, Marine Le Pen resumiu que a imigração legal e ilegal pode ser contida apenas pela “saída do acordo de Schengen,² o retorno às fronteiras nacionais permanentes e a expulsão automática dos

² O Acordo de Schengen é uma convenção entre 30 países, incluindo todos os integrantes da [UE](#) e três países que não são membros da UE, sobre uma política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas entre os

imigrantes clandestinos apreendidos”. Outro elemento dos comunicados de imprensa é que os membros do FN invertem o significado de racismo e xenofobia e retratam os cidadãos franceses como vítimas das políticas de “racismo antifrancês” e da “preferência estrangeira”. Por exemplo, Bruno Gollnisch descreve o racismo contra o povo caucasiano, o preconceito contra cristãos e o preconceito dos imigrantes com os franceses como as formas mais comuns de racismo em solo francês (GOLLNISCH, 2013).

Um terceiro tema recorrente, a segurança pública, é enquadrado de maneira muito tradicional. Por exemplo, o FN usa a insegurança para promover políticas sociais autoritárias, como um meio de remediar a ineficácia do sistema judicial na França, criticando as leis francesas, como se o sistema de justiça fosse negligente e inoperante, permitindo que os infratores sequer fiquem presos. As políticas que o FN avança na área de segurança pública não são diferentes do que foi proposto no passado. O partido inclui a deportação de cidadãos estrangeiros condenados para seus países de origem, a imposição de leis mais rigorosas, o desmantelamento de redes criminosas de imigrantes, o fechamento de instituições religiosas, o pensamento fundamentalista e o terror.

Um em cada quatro comunicados de imprensa centra-se em dois tópicos: identidade nacional e Europa. Como fez em seu programa, o FN apoia o nacionalismo estatal e o nacionalismo étnico. Referente ao nacionalismo estatal, o partido vê o Estado como a principal forma de organização que regula todos os aspectos da vida. Com relação ao nacionalismo étnico, o FN afirma que o Estado deveria ser composto de pessoas que compartilham o mesmo sangue e a mesma cultura, religião e herança.

Para glorificar a força unificadora da identidade francesa, o FN continua a usar uma linguagem populista, contrapondo a nação francesa a grupos externos, como estrangeiros e instituições internacionais e europeias. Além disso, o FN retrata a imagem de que a França está sufocando de servidão e feudo para uma UE onipotente. Por exemplo, Florian Philippot acusa o governo francês de “estar mais preocupado em obedecer às ordens dos seus mestres de Bruxelas e da Alemanha do que responder às preocupações cotidianas do povo francês” (PHILLIPOT, 2014).

Por fim, discorreremos sobre o papel da França na esfera internacional, as políticas educacionais propostas pelo FN, bem como a autovitimização do partido. Em relação à esfera internacional, o FN defende que a França reconquiste sua influência internacional, ganhe independência dos Estados Unidos e intervenha estrategicamente. Novamente, as proposições

do partido são enquadradas em um tom populista (por exemplo, o FN acusa o “UMPS” de ter ficado de joelhos ao lidar com os Estados Unidos nos últimos 20 anos) (PHILLIPOT, 2014).

Na educação, o FN defende que a excelência e o trabalho duro sejam recompensados com a promoção da procrastinação. Tematicamente, o FN busca um programa de história mais nacionalista que incentive os alunos a aprender sobre os grandes filósofos, estadistas e cientistas franceses. Finalmente, num total de nove comunicados de imprensa, o FN apresenta-se deliberadamente como uma vítima dos principais partidos, considerados corruptos e incompetentes. Olhando para o programa oficial do partido ou para os comunicados de imprensa, percebemos que o rompimento do partido com sua antiga estrutura é muito pequeno. Embora se apresente de forma nova, com uma maquiagem bonita, o partido, ideologicamente, mantém-se alinhado ao autoritarismo.

O programa do FN também se reorienta de acordo com as questões locais e regionais da França. As direções regionais do FN tentam explorar problemas locais e reajustar o norte ideológico do partido, encaixando esses postulados para resolver problemas locais, ou seja, tais direções transformaram a nova ideologia em um pensamento simples, que pode ser utilizado em muitas situações. Marine Le Pen tenta falar diretamente ao povo, apresentando o partido como o único defensor da democracia popular, do pequeno proprietário rural e dos profissionais liberais e autônomos, colocando-se sempre na vanguarda e defesa dos pequenos comerciantes, lutando contra as grandes instituições internacionais.

Para denunciar a globalização e a europeização de uma só vez, o FN frequentemente usa o termo “euro-globalização”. Por exemplo, o FNJ fala sobre o projeto europeu em termos de globalização:

A globalização sem fronteiras e sem qualquer tipo de proteção, a falta de consideração e irresponsabilidade, liderada por um número muito pequeno, enfraquece consideravelmente tudo o que há de maravilhoso em nosso país.
(LE FRONT NATIONAL DE LA JEUNESSE)

De fato, de acordo com a retórica do FN, as elites francesas impulsionam um projeto que levará à decadência econômica, social e política da França. Provavelmente ainda mais declaradamente nacionalista, os diretórios regionais do FN estabelecem uma ligação direta entre a ideologia xenófoba do partido e suas atitudes em relação à imigração.

Embora o termo desdiabolização tenha sido amplamente discutido na mídia e na academia, concordamos com Dézé (2012) que não há sinais no programa do FN de que o partido tenha realmente se tornado mais moderado e de que sua mensagem tenha se tornado mais republicana. Em vez de mudar para menos radicalismo e para uma adesão mais forte aos

valores republicanos da Quinta República, o partido acrescentou um viés de crítica ao capitalismo e tem levantado bandeiras que os partidos de esquerda também defendem (DÉZÉ, 2012). Ademais, embora o FN tenha, pela primeira vez em sua história, aberto as portas para judeus e homossexuais — inclusive aceitando membros de países estrangeiros (portugueses, italianos e espanhóis), que se tornariam candidatos a cargos políticos pela legenda —, parte expressiva da base se mantém homofóbica e xenófoba. Embora Marine Le Pen defenda discursivamente o aborto e o casamento homoafetivo, o partido se posicionou de forma contrária e foi às ruas marchar contra as medidas do governo François Hollande, que regulamentava a união homoafetiva.³

Outro ponto que separa Marine Le Pen de seu pai é o fato de ela ter abandonado a agenda ultraliberal original do partido — à la Thatcher e Reagan dos anos 1980, baseada em baixos impostos e cortes de previdência social —, estendendo seu perfil antiliberal às questões econômicas. Sob Marine Le Pen, o Estado se tornou onipresente; seu papel é proteger as pessoas comuns contra os vícios do neoliberalismo e da imigração. O segmento da população que mais sofre com a crise econômica na França, trabalhadores e pessoas de classe baixa e média baixa, está no centro do programa e da retórica do FN.

O FN se autodenomina como um antipartido, ele se opõe ao sistema político, social e econômico e a todos os atores que representam a Quinta República da França; opõe-se à globalização econômica e cultural, à europeização, à noção de identidade europeia, ao multiculturalismo, aos partidos políticos tradicionais e às elites sociais, culturais e acadêmicas. Aderir a essa perspectiva de oposição completa permite que o partido se apresente como uma nova força política externa que não foi corrompida pelo poder do sistema. Esta política se opõe à noção de liberalismo político e republicanismo. Portanto, não há sinais de desradicalização quando se trata da mensagem central do grupo.

No entanto, o mesmo não pode ser dito em relação à forma usada pelo FN para apresentar sua mensagem. Existem três grandes diferenças entre Jean-Marie Le Pen e Marine Le Pen. Em primeiro lugar, apesar do fato de o partido permanecer enraizado em seu núcleo ideológico, ele se apresenta, sob Marine Le Pen, como um partido republicano. Em contraste com seu pai, que nunca questionou o rótulo de “extrema direita”, Marine Le Pen define o partido como uma alternativa republicana nacionalista e promete combater no tribunal qualquer pessoa que rotule seu movimento de extrema direita. Ela declarou repetidamente,

³ GLOBO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/manifestacao-contrario-casamento-gay-em-paris-sob-tensao.html>>. Acesso em: 25.3.2018.

durante coletivas de imprensa, que “*não somos absolutamente um partido de extrema direita; aqueles que acreditam nisso cometem um erro de interpretação colossal*” (LIBERATION, 2013). Declarou, ainda, que o FN não deve ser tratado como um partido qualquer, como os outros, apesar do fato de o seu movimento não ser “nem direita nem esquerda”, mas sim de “ela ter ideias radicalmente diferentes do PS e do UMP” (LIBERATION, 2013).

Para sublinhar suas credenciais republicanas, ela removeu todas as referências a figuras da direita radical francesa em seus discursos. Enquanto seu pai frequentemente referenciava Charles Maurras, Robert Brasillach e Alexis Carrel, ela cita Émile Zola, Jean Jaures e Hannah Arendt em seus discursos (ALMEIDA, 2013).

Em segundo lugar, e com a exceção de atacar o islã, Marine Le Pen parou de fazer declarações abertamente racistas e antissemitas. Em contraste com seu pai, que periodicamente fazia declarações racistas, revisionistas ou antissemitas (e ainda o faz), como descrever o Holocausto como “um detalhe da história da Segunda Guerra Mundial” (BIRENBAUM, 1999, p.99), Le Pen adere a uma retórica republicana e ao mesmo tempo completamente autoritária, criando um mecanismo de policiamento e controle ideológico do partido mais ambicioso que o criado por seu pai. O controle da imagem e do discurso do partido se tornou uma obsessão para Marine Le Pen, tanto que qualquer pessoa do partido que fizer comentários racistas, antissemitas ou revisionistas, inclusive seu próprio pai, será automaticamente expulso do partido (ALDUY, WAHNICH, 2015). Marine advertiu em voz alta seu pai quando ele aderiu a uma retórica provocativa e racista, deixando claro que essa declaração não representa a linha do partido. Além disso, ela classificou os comentários como “lamentáveis”, reiterando publicamente a Jean-Marie que ela estava agora no comando do partido.

Em terceiro lugar, o FN se apresenta como defensor dos conceitos republicanos tradicionais, incluindo soberania e laicidade, mesmo que seja apenas para promover suas próprias posições etnocêntricas. Por exemplo, deplora a perda de soberania que os franceses enfrentam quando confrontados com um conglomerado internacional que inclui organismos supranacionais, como a UE, e acordos internacionais, como o Tratado de Lisboa, Schengen e GATT. Da mesma forma, instrumentaliza o significado de secularismo ou laicidade do Estado francês, para inibir a agenda progressista criada pelo PS, que, durante o governo de François Hollande, tentava criar formas de melhorar a adaptação dos imigrantes às práticas sociais francesas para as comunidades muçulmanas, garantindo direito à prática religiosa para todas as religiões, a fim de promover sua retórica e propaganda anti-islâmica (BEAUZAMY, 2013,

p.182).

Por exemplo, Marine Le Pen refere-se ao secularismo como um meio de defender os direitos individuais e o interesse comum da nação francesa, mas, ao mesmo tempo, apresenta-se de forma extremamente racista e islamofóbica ao comparar a imigração muçulmana na França ao regime de Vichy, quando o país foi ocupado pelas tropas nazistas. Marine usou o termo “ocupação” para descrever a presença constante de muçulmanos orando nas ruas da França e em espaços públicos franceses. Para ela a laicidade do Estado deve ser garantida a “todos”, portanto devem ser proibidas manifestações religiosas em espaços públicos, pois isso fere os direitos de cada cidadão, ou seja, a religião deve ser manifestada de forma privada. Na realidade essa proibição deve valer para as outras religiões diferentes da católica (SHIELDS, 2013).

A partir de setembro de 2015, parece que o “novo” FN, sob a liderança de Marine Le Pen, viu um renascimento político que permitiu ao partido se posicionar como a alternativa populista aos partidos tradicionais, pejorativamente rotulados como "UMPS". É, em muitos aspectos, um partido antissistema, procurando se apresentar como solução para aqueles que enfrentam um futuro incerto no atual mundo globalizado, como jovens em formação, que lutam para ingressar no mercado de trabalho; aposentados e pensionistas, que enfrentam as políticas de austeridade e cortes em direitos sociais; e trabalhadores, que sofrem com o aumento da jornada de trabalho, com as reduções salariais e com o aumento na idade de contribuição para a aposentadoria. São esses sujeitos que estão no cerne do discurso de Marine Le Pen (GOUGOU, 2015, p. 37). Para atrair essas pessoas de baixa e média renda, o partido lhes promete aumentos salariais, uma queda na idade de aposentadoria para 60 anos, a reindustrialização da França e uma política de reestatização, procurando recomprar as pequenas e médias empresas que foram vendidas para grupos internacionais, para diminuir as concorrências nacionais (GOODLIFFE, 2012, p. 137).

Assim como seu pai, Marine Le Pen retrata a si mesma e ao FN como a personificação da França, como os únicos representantes do povo francês. No entanto, a desdiabolização é uma farsa, bem como o novo programa político do FN, pois sua ideologia permanece fiel aos temas da agenda antiga do partido, promovendo seu apelo nacionalista e xenófobo. Marine Le Pen tem um grande mérito político, ela conseguiu avançar no cenário político sem sequer mudar a ideologia do FN, sem revisar suas posições centrais, mas lhe dando uma nova cara, mais respeitável.

Na verdade, membros proeminentes do partido lutaram por 25 anos para tornar a

mensagem do FN respeitável para o povo francês. Tentativas anteriores, que se tornaram “novas” por Marine Le Pen, como o famoso slogan “Nem esquerda nem direita, Frente Nacional”,⁴ não passam de reapropriações de antigos discursos. Talvez quem realmente tenha mudado seja parte da sociedade francesa, que ou deixou de esconder seus preconceitos e hoje não tem mais vergonha de demonstrá-los publicamente, ou se tornou mais conservadora, mais racista e xenófoba.

As tentativas de Bruno Mégret de suavizar a imagem do partido e forjar alianças com a corrente dominante nos anos 1990, além da fundação da Geração Le Pen, que pretendia dar ao FN uma imagem mais jovem e moderna, nos anos 2000, falharam por causa de Jean-Marie Le Pen. Ele sempre sustentou que a mensagem do FN deve ser diferente daquela transmitida pelos partidos tradicionais, ele sempre tentou marcar posição através das suas falas racistas e revisionistas e sempre controlou o conteúdo do partido e também sua abordagem e representação na sociedade francesa.

Neste sentido, compreendemos que a mudança fundamental de Marine Le Pen frente ao partido foi de maquiar a ideologia dele e mudar o foco do seu discurso. Se o FN quiser ser um partido com potencial para vencer uma eleição presidencial ele terá que suavizar a apresentação de sua plataforma.

Marine Le Pen e sua política de desdiabolização não passam de uma forma de reapresentar aos eleitores a imagem e mensagem do FN. Para isso não foi necessário, em nenhum momento, que o partido mudasse características ideológicas, exceto por uma nova ênfase no nacionalismo, na islamofobia e em uma agenda mais social. O FN também não mudou nenhuma de suas propostas políticas sobre imigração, política de identidade e segurança pública, bem como manteve sua posição antielitista.

No entanto, a mudança de tom permitiu que parte da sociedade deixasse de rejeitar o partido e o enxergasse enquanto opção política. Isso tem resultado em uma maior aceitação da população e se traduzido em um aumento significativo de votos.

Portanto, concordamos com Shields, quando ele diz que o caminho de Marine Le Pen não é tão fácil, pois desfazer uma imagem construída durante quatro décadas, de um partido fascista, autoritário, xenófobo e antissistêmico, é um trabalho extremamente complicado.⁵ Por tal razão, Marine Le Pen já percebeu que a história e os significados que o partido representa

⁴ [Ni droite, ni gauche... Front National].

⁵ SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York: Routledge, 2007, p. 315.

não se apagam só com novos discursos. Após a derrota nas eleições presidenciais de 2017, ela refundou o partido, substituindo o nome Front National por Rassemblement National. Se essa mudança terá algum significado prático, se atrairá novos militantes e se traduzirá em votos só o futuro poderá nos responder. Vale ressaltar que a mudança de nome é apenas uma continuação do projeto de desdiabolização, o que, em prática, não altera nada o programa político e ideológico do partido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDUY, Cécile & WAHNICH, Stéphane. **Marine Le Pen prise aux mots: De 'cryptage du nouveau discours frontiste.** Paris: Seuil, 2015.

ALMEIDA, Dimitri. **Towards a post-radical Front National? Patterns of ideological change and dediabolisation on the French radical right.** *Nottingham French Studies*, v. 52, n. 2, p. 167-176, 2013.

BEAUZAMY, Brigitte. Explaining the rise of the Front National to electoral prominence: Multifaceted or contradictory models? In: WODAK, Ruth; KHOSRAVINIK, Majid; MRAL, Brigitte (Eds.). *Right-wing populism in Europe: Politics and discourse.* London: Bloomsbury, 2013, p. 182.

BIRENBAUM, Guy. **Le Front National em Politique.** Paris: Balland, 1992, p. 99.

DÉZÉ, Alexandre. **Le front national: à la conquête du pouvoir?** Paris: Armand Colin, 2012.

FRONT NATIONAL. **Le projet complet du Front National,** 2012.

FRONT NATIONAL. **Mon projet: pour la France et les Français.** Paris, 2012.

FRONT NATIONAL. **Réaction du Front National _a la levée de l'immunité parlementaire de Marine Le Pen. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/2013/07/reaction-du-front-national-a-la-levée-de-limmunitéparlementaire-de-marine-le-pen/>>.** Acesso em: 10/04/2018.

GLOBO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/manifestacao-contrao-casamento-gay-em-paris-sob-tensao.html>>. Acesso em: 25.3.2018.

GOLLNISCH, Bruno. **Contre le racisme a sens unique.** Disponível em: <<http://www.frontnational.com/2013/07/contre-le-racisme-a-sens-unique/>>. Acesso em: 10/10/2018.

GOODLIFFE, Gabriel. **The resurgence of the National Front in France: From boulangisme to the Front National.** Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 137.

GOUGOU, Florent. **Les Ouvriers et le Vote Front National: Les Logiques d'un**

Réalignement Électoral. Paris: Presses des Sciences Po, 2015, p. 37.

LA LIBERATION. **Marine Le Pen s'insurge contre l'étiquette "extrême droite" du FN**, 2013. Disponível em: <http://www.liberation.fr/politiques/2013/10/02/marine-le-pen-s-insurge-contre-l-etiquette-extremedroite-du-fn_936353>. Acesso em: 10/03/2017.

LE FRONT NATIONAL DE LA JEUNESSE. **Nos Valeurs**. Disponível em: <<http://www.fnjeunesse.fr/charte/nos-valeurs/>>. Acesso em: 10/04/2018.

Mégret, Bruno: *La troisième voie: pour un nouvel ordre économique et social*, D.E.F.I., Boulogne-Billancourt, 1997.

PHILLIPOT, Florian. **Engagement de la France en Syrie**: Florian Philippot réagit sur Itele. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/videos/engagement-de-la-france-en-syrie-forian-philippot-reagitsur-itele/>>. Acesso em: 05/05/2017.

PHILLIPOT, Florian. **Non-revalorisation des petites retraites**: entre trahison et mépris du peuple. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/2014/09/non-revalorisation-des-petites-retraites-entre-trahison-etmepris-du-peuple/>>. Acesso em: 10/03/2018.

SHIELDS, James G. **Marine Le Pen and the "New" FN: A Change of Style or of Substance?** *Parliamentary Affairs*, v. 66, n. 1, 2013, p. 179-196.

SHIELDS, James G. **The Extreme Right in France**: From Pétain to Le Pen. London and New York: Routledge, 2007.

Recebido em: 20 de abril de 2023

Aprovado em: 22 de setembro de 2023